

Encontro com lideranças indígenas

Transcrição do encontro realizado no dia 28 de maio de 2013

Seminário internacional TransOceanik (CNRS-JCU)

Interfaces borradas:

questionando normas, classificações e primado da linguagem

UFSC - Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

27 a 29 de maio de 2013

contribution to *etropic* special issue 2015 *Behind the scenes*

etropic 14.2 (2015): 78 - 93. <http://www.reefandleaf.com.au/etropic.html> & <http://www.jcu.edu.au/etropic>

SUMÁRIO

- I. Introdução – Rafael Devos (antropólogo da UFSC) : 2
- II. Eunice Antunes (liderança guarani) : 3
- III. Getúlio Narciso (liderança kaingang): 5
- IV. Copacam Tschucambang (liderança xokleng/laklãno): 7
- V. Debatedor: Antonio Carlos de Souza Lima (antropólogo do Museu Nacional/UFRJ): 11
- VI. Comentários: 13
- VII. Questões do público: 15

I

INTRODUÇÃO

Mediador Rafael Devos (antropólogo, UFSC)

(Vídeo, 4': <https://vimeo.com/131357202>)

Vamos começar a atividade um pouco atrasados...

Então, eu vou coordenar essa mesa aqui e eu gostaria de dizer, inicialmente, que a gente estava participando de um seminário ao mesmo tempo que este aqui. Então, na verdade, eu gostaria de agradecer a oportunidade de trazer algumas discussões do seminário da licenciatura indígena aqui da UFSC, que contou com vários convidados: a gente tem alguns acadêmicos do curso, também algumas pessoas que estão participando deste seminário que também está acontecendo, assim como o *TransOceanik...* de manhã, de tarde, de noite e, portanto, a mesma jornada que vocês estão tendo. Então, aqui a gente tem uma mesa que acaba juntando os dois eventos.

Então o meu papel aqui, na verdade, é apresentar as pessoas que irão falar conosco e controlar o tempo, como já vínhamos fazendo. Então, o tema da mesa tem a ver com a presença, hoje, de indígenas como professores, como acadêmicos na universidade. Esse é o tema, também, desse seminário que eu mencionava da licenciatura intercultural indígena, que é um curso daqui da universidade (UFSC), mas existem outros no Brasil. Também é um espaço para a gente escutar outras questões que os acadêmicos talvez gostariam de colocar para vocês ouvirem aqui também.

Então a gente vai começar com a acadêmica, a cacique Eunice Antunes, que está aqui comigo. Ela é aluna da UFSC e ela é da comunidade da Terra Indígena do Morro dos Cavalos, e é cacique dessa comunidade, da aldeia "Itaty". A gente vai ouvir também o Ulysses e, depois, vai escutar o acadêmico Getúlio Narciso, que é Kaingang; Eunice, Guarani; O Getúlio vai falar representando os alunos Kaingang, o povo Kaingang aqui. O Getúlio pediu para dizer que ele é bolsista de um projeto da Capes de Iniciação Científica, "Observatório da Educação", projeto ensino de saberes e tradições e conhecimentos a compartilhar nas escolas das Terras Indígenas Chapecó aqui de Santa Catarina.

A gente tem aqui outro acadêmico do curso, Copacam Tschucambang. Ele é nosso aluno aqui do curso e líder da comunidade xokleng, aldeia Figueira, que também fica em Santa Catarina também, Xokleng, ele vai falar...

E a gente tem o professor Max Lenoy que representa, então, os indígenas da Austrália aqui nessa mesa, né. É um professor da James Cook University, professor de tecnologias da educação, e tem uma formação como indígena na universidade também. Ele já participou do seminário ontem, fez uma intervenção. Vem fazendo algumas trocas com os alunos daqui, então a gente vai dar continuidade com os estudantes aqui da UFSC nessa troca. E a gente tem como debatedor, o professor Antonio Carlos de Souza Lima, que é do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que já atua há bastante tempo com essa temática, e que já vinha debatendo. Nós tivemos uma mesa muito próxima dessa hoje, então a gente vai trazer algumas das

questões que foram encaminhadas lá para vocês e aproveitar a presença de todo mundo aqui.

Então, boa noite e bom proveito.

A gente vai ter o comentário do Antonio Carlos no final das falas e no final, se ainda tivermos fôlego, a gente vai abrir para o debate.

Vou passar a fala para Eunice, e gostaria de agradecer a presença de todo mundo.

II

EUNICE ANTUNES

Cacique da aldeia indígena guarani de Morro dos Cavalos

(Vídeo, 8': <https://vimeo.com/138849020>)

(ela fala uma palavra em guarani).

Boa Noite a todos. Primeiramente, eu quero pedir ao *Nhanderú eté* que faça o comando dessa mesa. Porque nós, o povo somos o guarani, somos um povo religioso e que, tudo o que a gente vai falar, são palavras que a gente recebe e passa, né, são palavras de sabedoria. Nós somos povos da oralidade. Então, essa é permissão que peço para *Nhanderu* nesse momento.

Bom, eu já venho nessa caminhada de capacitação e formação há dez anos. Já fiz o magistério bilíngue específico da língua guarani e, hoje, a gente está aqui na universidade na licenciatura intercultural, junto com os povos daqui de Santa Catarina e de alguns outros estados; são três povos: Guarani, Kaingang e Xokleng.

É um momento muito rico para nós aqui. A gente acredita que a gente está abrindo caminhos para os mais jovens que estão vindo. Se está dando certo ou não, a gente vai ver lá no futuro, depois dessa formação pronta porque, como eu vinha falando nesse outro debate no qual a gente estava, ao mesmo tempo que eu me orgulho de estar numa universidade, ocupar esses espaços, eu também fico preocupada com as minhas raízes, porque a maioria do tempo a gente passa fora da nossa aldeia, a gente passa do mundo que não é nosso. Ao mesmo tempo, são coisas que a gente está vivendo, desafios bem diferentes, bem opostos um do outro. Só que a gente vem se fortalecendo de alguma forma ou de outra, né... Como eu falei no início, a gente acredita muito em *Nhanderu*, que para nós é Deus, o criador, o primeiro, né. Então, a gente ainda está muito ligado a isso.

Então, o que eu venho falar sobre todas essas dúvidas, né, que ao mesmo tempo a gente coloca algo de muito bom, muito empolgante para nós que somos jovens e pros mais jovens que estão vindo e, ao mesmo tempo, os mais velhos que estão lá nas aldeias, ou outros que vem e não se adaptam muito a essa realidade de vida. São desafios que a gente vem enfrentando, mas são coisas que são essenciais. No mundo em que a gente está vivendo hoje, a gente está deixando a palavra, a nossa memória, nosso sentimento, e a gente está trocando por um papel, uma caneta, mas, ao mesmo tempo, a gente está

conseguindo também passar se é dessa maneira que a maioria da sociedade possa nos entender, nos ouvir, é dessa maneira que a gente vai ter que se esforçar para poder passar esses conhecimentos nossos, esses entendimentos nossos.

Então, a gente está vivendo num momento de emoção, uma emoção muito forte. É bom, é ruim, são várias coisas.... Eu acredito que hoje a gente vem vivendo isso... É um avanço que a gente está tendo nessas academias, nessas universidades que vem abrindo esses espaços, para que os indígenas possam entrar na universidade, e para que nós mesmos, nós indígenas, escrevamos a nossa História, porque até hoje foi escrita pelo homem branco, o homem branco quem escreveu a História dos indígenas... E ele escreveu conforme ele entendeu ou ele achou que entendeu. E às vezes, hoje, o problema maior na questão indígena na educação, é que ficou-se baseado nessas histórias que foram escritas lá no início; e hoje essa imagem do indígena ficou congelada no tempo como se nem a própria sociedade que entrou aqui não tivesse mudado de jeito de vida, mudado seu modo de viver. Então, a gente é discriminado de duas formas hoje, a gente tem a discriminação do lado: “que a gente não é mais indígena, porque a gente não vive mais na mata, porque a gente não vive mais nú, porque a gente tem celular, porque a gente tem várias coisas... sabe falar o português... Então, por conta disso, a gente já não é mais indígena”; e, por outro lado, negam esse direito de a gente viver do jeito que a gente vivia antes... Nossas terras hoje é um dos maiores problemas, que acontece no Brasil em geral, é a parte da garantia da terra para os povos indígenas...

E aqui no Brasil a gente tem vivido realidades que, principalmente no nosso estado, são muito ruins para nós. É um retrocesso de 1500 anos que volta pra trás. Mas ao mesmo tempo penso: Por que que não podemos retroceder antes de 1500? Se a gente voltasse lá antes dos colonizadores, antes dos portugueses entrarem no Brasil? Se voltasse nesse retrocesso, seria melhor para nós. O retrocesso é até ali, na chegada, onde aconteceram os massacres e tudo. Então, para nós, a universidade hoje é uma ferramenta, um instrumento que nos fortifica e nos fortalece para criarmos nossas leis, para a gente falar de igual para igual; falar para os governantes, falar para os políticos que não é bem assim. Que o que eles estão colocando lá, o que eles estão falando do indígena, nós estamos entendendo e a gente pode dar uma resposta. Então, é dessa forma que eu vejo hoje a universidade. E eu acredito que seja isso o que eu tenho para falar hoje.

III

GETULIO NARCISO

Liderança kaingang

(Vídeo, 10': <https://vimeo.com/138852151>)

(Ele começa dizendo uma frase em Kaingang)

Boa noite a todos. Na palestra anterior eu já falei a mesma frase... E eu queria completar dizendo uma outra frase: “*Komo ura a tó*”..., “Sejam todos bem vindos”. São palavras que a gente está acostumado na aldeia e que é o desejo de boas vindas, também de iluminação para a gente.

Meu nome é Getúlio Narciso, Kaingang, eu sou Kaingang da tribo daqui do oeste de Santa Catarina, tenho orgulho de falar que sou Kaingang e também, na palestra anterior, eu dizia fazer parte do cinco maiores povos indígenas do Brasil, então, para quem não sabe, o povo Guarani está entre os primeiros. Então, está bem certa a ordem da mesa (risos).

Então, nosso povo está todo no sul do país; eles estão nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e no sul do estado de São Paulo. Nosso tronco linguístico é o tronco jê; a nossa organização social Kaingang está dividida em duas metades: metade *Kamé*, metade *Kairu*. Falado por nós (...). E a gente tem uma organização social voltada e que respeita essas metades.

Eu sou da metade tribal *Kamé*. Seria a marca de risco¹. E a gente tem nas comunidades pois, de comunidade para comunidade, variam os costumes, variam... Então, como estamos divididos nos quatro estados do sul, a gente fala hoje cinco dialetos da língua Kaingang diferentes, a gente tem cinco dialetos que estão subdivididos conforme a região; o meu dialeto é o dialeto central, e os parentes do Rio Grande do Sul que também estão estudando aqui com a gente já é um outro dialeto. Então, tem muitas palavras do meu dialeto que são diferentes das deles, mas a gente se entende como se fôssemos irmãos como, de fato, somos.

Falando em dialeto e falando nessa questão de metade de ... queria falar aos presentes que a gente está dentro da universidade hoje com o intuito de garantir a nossa cidadania e o nosso respeito perante a sociedade dominante hoje, dita dominante entre aspas porque, penso eu que “dominante”, é aquele que impõe, aquele que faz; mas nós, a nossa origem Kaingang, é uma origem guerreira, e a gente não se submete a muitas coisas, muitas coisas do homem branco que a gente se adapta, mas a gente tem sempre uma resposta para dar. Até hoje, não vi um Kaingang que sairia de uma audiência, uma reunião, sem dar sua opinião... é uma característica forte do povo Kaingang é essa: de ter a sua opinião. Quando pensamos na universidade, o nosso papel dentro da universidade, 90% dos Kaingang que estão estudando aqui, eles são professores nas suas aldeias. Então, a universidade tem reforçado para a gente esse espírito guerreiro; porque quando entramos aqui no ano retrasado, a gente tinha uma mentalidade; e hoje a gente volta para a comunidade com uma outra mentalidade para, aos poucos, repassar para as nossa crianças, e para os professores que ainda estão lá na base, a importância de se valorizar enquanto índio e de aprender com a universidade e fora dela, na sociedade envolvente, seus usos, seus costumes, suas leis, para que não possamos errar como nosso passado errou.

Temos aí uma história muito grande, para quem quiser estudar é bem interessante. Temos a história de vários caciques que, muitos para nós, são considerados heróis; e outros casos são considerados bandidos. Ou seja, muitos deles defenderam a causa (indígena), mas muitos foram engolidos pelo “maldito capitalismo”. Em muitas reuniões eu tenho passado, eu tenho falado que o povo indígena, principalmente o meu povo, ele está num período de transição: ele não é nem socialista, nem capitalista. A gente está nesse meio; e muitos dos nossos ainda não sabem administrar nem um nem o outro, a gente está nesse meio... mas graças às oportunidades que a gente está tendo dentro da educação e com o conhecimento das nossas lideranças que, muitas vezes, são

¹ Provavelmente ele está se referindo ao traço de pintura corporal ou desenho gráfico que identifica a metade.

considerados pelas autoridades superiores, que são as autoridades do branco, como analfabetas, elas são verdadeiros tutores para a gente, porque lá, na comunidade, eles sabem o que o povo quer. É a base que sabe.

Então, muitas vezes, a gente tem passado por problemas, tem passado por dificuldades. Dificuldades essas que vem dum sistema capitalista, mas com uma imposição paternalista dada pelo SPI, pela Funai e pelos governos que passaram. E a gente tem lutado muito dentro das escolas, conversado entre a gente, sobre essa liberdade, essa libertação desse paternalismo tradicional. A gente não está totalmente integrado à sociedade e nem é interesse nosso nos integrar à sociedade, mas fazer com que ela se integre a nós e respeite a nós enquanto indígena: diferente, com costume, com cultura, com língua, com usos e tradições próprias do povo. Esse é o nosso objetivo dentro da universidade. É voltar para dentro da nossa aldeia com outro pensamento.

Quando a parente Eunice falava sobre a terra, o povo Kaingang tem muitas terras ainda a serem retomadas. E é aí uma política do governo, eu estava assistindo aqui mesmo na universidade, enquanto voltava para o lugar onde estamos hospedados, os agricultores, aquela passeata do povo dos sem terras (MST) no ministério pedindo reforma agrária... que tipo de reforma agrário que querem? Quem que é o dono da terra?

Nós estamos ali, na minha comunidade, por exemplo, nós temos mais de sete mil índios distribuídos em menos de dezesseis mil hectares e, se fossemos dividir hoje, daria menos de dois hectares para cada indígena, e a nossa população está crescendo muito... Nós temos uma mortalidade infantil zero. Projetos vindos dos órgãos competentes tem nos auxiliado nesse sentido. À exemplo disso tem a minha escola. A minha escola é a maior escola indígena do estado de Santa Catarina. Quando foi planejada a escola dentro da nossa comunidade indígena, tinha um pouco mais de trezentos alunos e, hoje, nós estamos ultrapassando o número de mil alunos dentro de uma escola que foi planejada para trezentas pessoas... Quando começamos essa educação, nós tínhamos nove professores sendo sete professores não indígenas e dois indígenas; Hoje, temos quarenta e nove professores com quarenta e seis indígenas e três não indígenas. Então, nós ultrapassamos o que eles pensavam em fazer para nós, nós ultrapassamos.

Quando ela fala (Eunice), voltando a fala dela quando fala em terra, me vem uma frase que ouvi numa liderança uma vez: "Nós devemos amar a terra que temos". Esse é o pensamento de muitos daqui, principalmente dos parentes indígenas que vieram do norte, dos demais que estão mais presentes, que nós devemos amar a nossa terra.

Mas por que amar a terra? Nós não vamos comer terra. Antes de vir para cá, minha vó me dizia: "Vai para a cidade, mas não gasta teu dinheiro naquilo que não é bom". Dizia assim para mim: "Não gasta seu dinheiro naquilo que não é bom". E me veio na cabeça essa frase: que nós devemos amar a terra como nossa Mãe, pois cada passo que nós damos em cima da nossa terra, nós devemos lembrar que nós estamos pisando no sangue e no suor de nossas lideranças que lutaram por aquele pedaço de chão. Então a terra, para nós, é muito mais que um bem material, como a pensa a sociedade capitalista.

São vários outros assuntos que eu poderia trazer para vocês, que eu poderia explicar, mas o nosso tempo é limitado, e muitos já estão o dia todo aqui, e, eu também, não quero que ninguém durma enquanto eu estou falando! (risadas)

Muito obrigado.

IV

COPACAM TSCHUCAMBANG

Liderança xokleng/laklãno

(Vídeo – 17': <https://vimeo.com/138845327>)

Boa noite a todos e a todas.

Primeiramente quero dizer, falar meu nome certo, correto: “Copacam Tschucambang”. Muitos terão dificuldade em pronunciar, mas enfim...

Nosso grupo, Xokleng, é do grupo do tronco jê, jê regional, no qual faz parte o Kaingang. Atualmente, encontra-se na Terra Indígena de Ibirama, José Boiteux. E no passado, Xokleng dominava, no sentido bom, do Paraná ao Rio Grande do Sul.

Hoje estamos com aproximadamente três mil indivíduos na Terra Indígena Laklãno devido ao massacre que os Xokleng sofreram no século XVIII, XIX e inclusive no século XX... Então, se existissem esses povos ainda, digamos assim, essa parte dos Xokleng nos territórios que mencionei, talvez estaríamos na faixa de cinquenta, cem mil, mas infelizmente está com esse número aí.

Dizer que o despreparo do governo para lidar com essa diversidade cultural, não só dos Xokleng, mas das culturas que existem no Brasil, que o Brasil está despreparado para lidar com essa diversidade cultural. Ali, quando se fala de cultura, existe uma riqueza que ninguém imagina! Na cultura existem conhecimentos milenares, que são passados de gerações em gerações, que o não indígena não tem conhecimento, portanto, não valoriza. Então, a cultura tem valor. E o governo, como não tem conhecimento, não identifica sua importância.

A nossa língua Xokleng está sofrendo a perda. Eu sinto muito em falar isso, mas a gente, nós acadêmicos, estamos vendo de que forma nós vamos reverter essa situação. Para assim, pelo menos, preservar a nossa língua. Eu falo minha língua ainda, graças a Deus ainda falo fluentemente. E como o curso, para nós, direcionou para um horizonte, mostrou um horizonte para nós que, para mim principalmente, como líder, tem me orientado. Então vejo, nesse sentido, que outros virão e também vão se orientar através das universidades que abrirem as portas para essas pessoas que irão vir atrás de nós. Estamos abrindo as portas, abrindo caminhos para nossos filhos, ou seja, o futuro.

De tudo o que foi falado, no auditório. Pensando assim, para modificar isso é só estudando, buscando conhecimento para lutar. Quando se fala em lutar, não é mais como no passado quando disputava-se com flecha, arco, lança, agora através de outros conhecimentos [FIM DO PRIMEIRO VÍDEO]

[...] Em cima das leis, é isso o que nós temos que fazer. E também dizer para os outros povos aqui presentes que o caminho é estudar. Estudar, mas não deixando de lado os conhecimentos tradicionais, tradicionais, tem valor. Mas por necessidade de brigar, no sentido que estou falando, tem que buscar conhecimento.

Quando se fala em educação, hoje se fala em educação diferenciada, mas eu vejo que, para ser uma educação diferenciada, tem que, primeiramente, ter um calendário

diferenciado. Para ter um calendário diferenciado, tem que ter um sistema específico para a educação indígena. Agora, não adianta falar educação diferenciada se não existe sistema só para a educação indígena. Aí quando vai falar com o pessoal que trabalha na área de educação: “ah, o sistema não dá porque é isso, é aquilo, por que o governo ...”. Então a gente precisa lutar por um sistema diferenciado. Não importa o dia que for para começar o ano letivo, seja janeiro, seja no mês de julho, mas o sistema tem que se adequar à educação indígena, e não a educação indígena se adequar ao sistema do governo.

Também lembrar que, ser índio, para nós é orgulho. Quando se fala em ser índio, no passado, as pessoas tinham vergonha... Eu lamento dizer isso para o nosso povo mesmo, mas ser índio não é ser inferior ao não-indígena. Ser índio é um outro conhecimento. Quando se fala: “o fulano, o povo lá, não é mais índio porque usa roupa”. Olha a falta de conhecimento da forma que estou falando! Porque, será que quando os brasileiros usam perfume francês, deixam de ser brasileiros? Não né! Da mesma forma, o índio usar a roupa que não é do indígena, ele deixa de ser índio? Também não! É a origem dele ... é a origem. Então é isso que nós temos que defender: a nossa origem, o índio no passado de vocês, é o que nós temos que defender. Então não vejo sendo inferior a um outro povo qualquer... Falta, na verdade, a compreensão.

E também, por falta de respeito com os povos indígenas no Brasil, também como a professora Barbara trouxe para nós outra vez aqui, né, em relação à situação dos aborígenes. Então, quem sabe, talvez, nós pensarmos em criar uma embaixada de povos indígenas no Brasil também! Seria uma vergonha o governo brasileiro ter uma embaixada de povos indígenas no Brasil para discutir os assuntos indígenas? É uma vergonha mesmo. Ou, quem sabe, brigar - no sentido que eu estou falando “buscar conhecimento” – brigar para criar o ministério dos povos indígenas, também. Então é isso que nós temos que pensar: de que forma podemos articular isso mas com a ajuda dos outros parentes e dos outros estados também. Nós temos que pensar nesse sentido.

E também, meu povo, Xokleng, é um povo que está agora se conscientizando em termos de valorização da cultura. Então, hoje a gente está buscando, tentando preservar, com o auxílio dos acadêmicos aqui da UFSC, então estamos conscientizando as pessoas em valorizar mais em termos da cultura.

Trouxe também umas fotos feitas na aldeia, eu quero passar pra vocês; temos também um vídeo mas o tempo é curto e não iremos passar o vídeo.

(Apresentação e comentário de série de vídeos e fotografias apresentados em retroprojeter, expondo aspectos da escola na qual leciona e o cotidiano dos alunos).

Essa aí é a Aldeia Barragem. É uma foto feita pelos alunos da Escola Laklaño. Que é o rio que passa no meio das duas aldeias, rio Platê na aldeia sede. São nove aldeias no total: aldeia Toldo, aldeia Coqueiro, aldeia Palmeirinha. Esse daqui foi um desenho feito pelas crianças. Esse daqui seria o artesanato do meu povo Xokleng, que foi feito na exposição da escola: pilão, balaio. Essa daí é nossa escola Laklaño, onde os alunos estão participando de uma festa na escola. O professor nosso nas Artes Indígenas, Joacyr Escuitá. Essa foto agora, são os alunos se preparando para fazer uma apresentação, uma festa que tem na escola. Isso daqui é ... digamos assim, bacia, sei lá eu como vou chamar, mas era utilizado para fazer bebida típica, no passado né, e hoje... coxo. Fazendo desenhos, né. Exposição na escola de artesanatos. Remédios tradicionais. Essa foi a festa da professora Ana Lúcia quando ela esteve lá para fazer um lançamento do

livro [...] Então depois da festa tinha apresentação. Esse aí é meu tio que estava contando história para mim, e eu mostrei algumas fotos antigas da década de vinte, aí ele estava contando as histórias para mim e eu estava ouvindo [...]. Aí a aldeia Toldo, a aldeia Coqueiro. Então acabou.

Então pessoal, quando eu falo do meu povo que sofreu massacre, às vezes nem gosto de falar pois a gente sabe da história, como o povo sofreu, e eu fico muito triste. Meu avô, Mãikutéin, presenciou a morte da mãe dele em 1905. Ocorreu a pacificação em 1914. Ele também morreu em 1979, fui criado por ele também [...] Então ele contava essas histórias... É um povo que sofreu muito no passado e ainda continua sofrendo com falta de atendimento tanto na educação, na saúde, principalmente, do governo do estado de Santa Catarina. E hoje nós estamos com problemas seríssimos como, por exemplo, da construção da barragem norte na nossa Terra Indígena José Boiteux. Então é um dos problemas, a barragem vem trazendo problemas para nós desde a década de 70 na verdade. E hoje ainda não sei como vai ser solucionado o problema, como mencionei, a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1910, devido ao massacre que o Xokleng sofreu, passou-se 103 anos e a situação dos Xokleng ainda não se resolveu. Quando vai se resolver, não sei, mas para amenizar isso seria a demarcação das nossas terras, essa Terra Indígena Laklaño que hoje se encontra no Supremo Tribunal Federal que, talvez, se for aprovado a PEC² podemos até esquecer. Que hoje, como nós sabemos, o Estatuto do Índio, desde 1991, está na Câmara e não foi aprovado ainda. E não vai ser, pois não é interesse deles. Agora o PEC com certeza vai ser aprovado porque é do interesse deles. Então vejo que, nesse sentido, a partir do momento em que for aprovado a maldita PEC – 215 aos poucos nosso povo vai sofrer consequências porque nós estamos com 14 mil hectares e poucos de terra e vai para 37 mil se for sair a decisão do Supremo.

Na mesma forma que o colega falou: o índio não quer só o pedaço de terra, eles não sabem porque o índio quer terra, eles não sabem! Porque ali tem conhecimento para ser explorado para buscar remédios, caçar, eles acham que a terra não está sendo utilizada. Não está sendo utilizada porque ali não tem lavoura, não tem criação de gado, então não tem valor econômico para eles. Então é nesse sentido que eles acham que a terra não está sendo utilizada pelos índios e deve ser demarcada, tem que ser tirada dos índios.

Na verdade, nós não estamos pedindo a terra, estamos pedindo para respeitar o que era nosso, pelo menos respeitar, demarcar um pedaço para sua sobrevivência. É isso que nós queremos na verdade. Não queremos o Brasil todo ou Santa Catarina inteira, nós queremos um pedaço para sobrevivência das futuras gerações, é isso o que nós queremos.

É isso o que tenho a dizer, muito obrigado.

² Projeto de Emenda Constitucional.

MAX LENOY

Indigenous Australian lecturer at James Cook University, Australia

Video, 30 min, in English: <https://vimeo.com/132532631>

V

DEBATEDOR: ANTONIO CARLOS DE SOUZA LIMA

antropólogo do Museu Nacional - UFRJ

(Vídeo, 15 min : <https://vimeo.com/142356668>)

Boa noite a todos e a todas.

Eu gostaria de agradecer muitíssimo o convite, às organizadoras do evento, pela oportunidade de estar aqui nessa mesa que, para mim, é extremamente importante e estimulante por tudo o que nos ensina a todos que comparecemos ao evento. A minha intenção não é exatamente colocar perguntas mas fazer algumas considerações que, pensando talvez num público mais geral do evento, sejam importantes de serem feitas.

Primeiro, é interessante se ter em mente o perfil da população, o que é a configuração da população indígena no Brasil, já que a mesa chamou pouca atenção para isso, e qualquer comparação de maior monta soa infundada se não se leva tais dados em consideração. São 896.910 indivíduos, segundos dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, divididos em 305 povos distintos, que são reconhecidos, falando 274 línguas diferentes. São também histórias distintas de contato com o colonizador, relações distintas com diferentes ecúmenos etc. Sabemos que esses dados são disputados e há controvérsias em torno dos mesmos, mas são os oficiais. O mais importante, porém, é chamar atenção de que os povos que compõem tal diversidade e riqueza de experiências humanas têm direitos reconhecidos desde a Constituição brasileira de 1988 às terras que tradicionalmente ocupam, o que configura 13,1% do território brasileiro. Isso nos mostra a centralidade da questão fundiária para os povos indígenas no Brasil.

Eu creio que nós ouvimos aqui na fala da Eunice, na fala do Getúlio, do Copacam, a ênfase que a questão territorial tem nesse momento, de um ponto de vista profundo, no sentido de que a terra é o fundamento da autoctonia, da identidade, do pertencimento a uma dada coletividade, como distintas de outras, indígenas e não indígenas, inclusive no plano cosmológico e ritual. Mas também a terra é o objeto da cobiça dos não indígenas, o principal objeto em disputa –foi o Copacam que nos chamou atenção, que contrastou a visão capitalista, ou a visão do agronegócio, que está posta como predominante na sociedade brasileira contemporânea, aí do que signifiquem as terras que ocupam para os não-indígenas face à visão indígena das terras.

Vivemos no Brasil um momento histórico especialmente difícil em termos de disputas territoriais para os povos indígenas. Estamos em mais um momento de invasão dessa

porção da América indígena, numa outra leva de tentativas de expropriação agora com mecanismos muito diferentes, mas não menos violentos e cruéis. Nas três falas que tivemos das nossas lideranças, a luta pela terra não surge como intervenção bélica, mas como ação de resiliência com base na obtenção de outros conhecimentos. Assim, uma escola que lhes seja favorável pode ser fundamental para que essa luta tenha uma eficácia num plano que, hoje, se faz mais necessário do que nunca. Acho que pelas apresentações podemos ver as diferenças entre os três povos, com notáveis marcas de apresentação de si. Eunice nos chamou atenção do domínio da oralidade e da dimensão espiritual fundamental para o povo Guarani. Getúlio destacou o caráter guerreiro dos Kaingang como se vêem e se postulam numa série de situações.

Pensemos que são 305 modos de ser e viver distintos e veremos que a diversidade é um problema, do ponto de vista da própria articulação política supralocal dos povos indígenas o enfrentamento do Estado e de interesses corporativos. Essa é uma questão fundamental para vocês, lideranças indígenas, no Brasil contemporâneo.

Se pensarmos no que Max nos apresentou sobre a situação na Austrália a partir da situação dos Aborígenes e dos Ilhéus do Estreito de Torres, poderíamos pensar, com eles, em como produzir essa articulação que vem sendo tão difícil aos povos indígenas no Brasil. Como construir um diálogo? Muitas vezes se fala repetidamente em interculturalidade. No contexto brasileiro isso tem significado muitas vezes, apenas, que os indígenas passem a falar de suas culturas de modo estereotipado para eles próprios em contextos não indígenas. Nem sempre é assim, mas em muitos processos formativos, sobretudo dos magistérios indígenas mais antigos, o movimento era esse. A experiência que o Max nos traz, nos chama atenção de um esforço crítico radical dos modos, das etiquetas, do colonizador. De um trabalho, como ele disse, de descolonização do próprio ato do ensino. Como vocês pensam que, por exemplo, essas questões poderiam ser aproveitadas? Como é ensinar, por exemplo, a partir das experiências das suas próprias culturas?

Como as perspectivas indígenas se vêem comprometidas, na realidade, quando colocados diante dos sistemas burocráticos de gestão escolar? Como superar essa distorção? Essa é também uma questão para os Aborígenes e ilhéus? Como foi possível montar um processo formativo de professores que seja, em grande medida, uma desconstrução dos protocolos escolares não-indígenas? Não totalmente talvez, mas em grande medida. Como foi possível chegar a essa situação? Qual é o percurso histórico que há por trás dessa situação atual na Austrália? Como se chegou a essas conquistas? Porque aqui a luta por uma educação escolar indígena no Brasil tem sido grande. Todos vocês falaram da esperança que a universidade traz, da importância da educação superior para novas condições de diálogo. Como foi possível produzir a situação na James Cook University? Quais foram as condições sociais que permitiram que isso acontecesse? Essa experiência poderia ensinar algo aos povos indígenas no Brasil? Porque se comecei tentando chamar a atenção do quanto o momento é adverso para os povos indígenas no Brasil e o quanto a escola importa aqui, você, Max, nos mostra como é possível desconstruir a escola para permitir uma outra inserção dos estudantes aborígenes e ilhéus, não apenas em escolas específicas, mas também no sistema geral de educação australiano. Aqui a solução tem sido procurar, cada vez mais, reforçar os sistemas específicos.

Tentando resumir para não me alongar e para que o debate se abra, quero marcar que é preciso enfatizar mais a necessidade de estranhar o Brasil, e não tomar as formas sociais dadas e impostas aos indígenas como inamovíveis. Parece-me que estranhar é muito do que os aborígenes e ilhéus fazem: estranham a Austrália sistematicamente, criam um distanciamento para o professor de seus valores culturais, mesmo se ele é um branco. Se eu entendi corretamente o que você nos apresentou, Max, eu lhe perguntaria como vocês acham que vocês poderiam caminhar no sentido de educar o branco, isto é, de ao se educar, educar o branco, fazer o branco, fazendo-o mudar o modo de vê-los? Afinal, mesmo aqueles descendentes dos colonizadores que são profundamente pró-populações autóctones, compartilhem estereótipos, preconceitos e, como vocês chamaram atenção, ao não ter mais os trajes nativos, é preciso ter um modo de falar em certos momentos, vocês sabem que em certas situações a apresentação que vocês fazem de si conta muito. Vocês disseram isso agora. Estar vestido e usando relógio pode significar deixar de ser índio na mentalidade dos não-índios. Como vocês acham que vocês poderiam trabalhar desmontando essas visões? O que, afinal, podemos (se pudermos) aprender transoceanicamente uns com os outros? E o que nós, antropólogos, que somos supostamente profissionais de uma ciência que se diz capaz de ouvir, comparar e relativizar, mas que, muito frequentemente, se demonstra surda, auto-referida, repetitiva, capaz de reproduzir *ad infinitum* estereótipos que alimentam seus próprios protocolos de pesquisa, podemos aprender com essa troca de experiências também transoceânicas? Como poderíamos ampliá-las?

VI

COMENTÁRIOS

(Vídeo, 8 min: <https://vimeo.com/142356668>)

RAFAEL DEVOS

Agradeço ao professor Antonio Carlos de Souza Lima e vou seguir a proposta dele de passar diretamente para a mesa, para que a mesa pergunte a mesa ou comente as questões que foram colocadas aqui já que já estamos chegando às nove horas. Daqui a pouco o pessoal tem que retornar pois a gente tem uma outra jornada.

Vou seguir a mesma ordem de fala aqui. Vocês podem tanto comentar o que o professor perguntou para vocês, como talvez colocar uma questão para uma outra pessoa da mesa.

EUNICE ANTUNES

Respondendo, tentando responder sua pergunta, eu vejo que a gente conseguiria desmontar, como foi falado dessa visão, essa visão do lado contrário, de negação de direitos dos brancos aos povos indígenas, seria mesmo na parte da educação. Porque a gente vê que o sistema de educação foi criado lá no início e agora ele já ultrapassou, muitas coisas mudaram, a forma de ensinar, a forma de pensar, os materiais já não se usam mais como antigamente... e até os livros didáticos, hoje, que vêm para as escolas,

eles vêm como uma lavagem cerebral para criar uma sociedade que pense de um mesmo jeito.

Se a gente fosse seguir essa política que hoje é criada de vários grupos diferentes, a gente, as escolas estariam passando conhecimento real dos povos indígenas, passando conhecimento dos outros povos que existem dentro do Brasil hoje. Eu acredito que isso, não sei se resolveria, mas talvez deixaria de ser violenta, essa coisa violenta de negação, de preconceito, racismo, discriminação.

Então eu lembro até que, quando eu comecei a trabalhar na escola, e o cacique que me convidou para começar a dar aulas lá, ele falava assim: eu não quero que você ensine igual aos brancos porque os brancos estudam, vem pra escola, depois estudam, estudam, estudam, viram deputados e depois roubam. Então eu não quero que você ensine as crianças a serem assim. A gente pensando o que o cacique queria que eu ensinasse na época, e ele falava: as nossas histórias, as nossas práticas...

Que a criança sabendo ler, sabendo escrever, ele vai ler e escrever o que ela quiser. Não é aquilo que é imposto por um pensamento de alguém que escreveu e falou: "Ó, o Brasil todo vai ter que ensinar isso e isso". Então eu acredito que se fosse, nessa parte do sistema de educação, se atualizasse hoje, eu acredito que mudaria... e é isso que é muito fechado... a gente bate "bate" "bate" mas a gente não consegue se inserir e muito menos passar a ideia para esse sistema. Eu acredito que é essa forma.

GETÚLIO NARCISO

Então tentando, na verdade mais comentar do que responder a pergunta do Professor. Pelo que eu anotei aqui, foram bem mais que uma pergunta, foram várias aqui e iria levar a noite toda muito para tentar responder. Então assim, Professor, o que o meu ponto de vista enquanto educador. Eu já falava que eu já estou há quinze anos no magistério e muitos dos meus colegas Kaingang, que hoje estudam comigo, foram meus alunos lá na escola e hoje estão aqui estudando junto comigo. Então, qual o meu ponto de vista, com a política atual, nós teríamos hoje duas saídas: a primeira saída é que o governo realmente aprovasse hoje os sete territórios, que é uma proposta do governo que já está andando já faz um tempo, tem um tempo que nós temos discutido, e no sul ainda não chegou... só ouve-se falar de território e ainda não chegou no sul ainda; a segunda proposta é que os nossos governantes que, muitas das vezes, são cargos políticos, são indicados por políticos, parem de ver a questão indígena como cabide de empregos e queiram trabalhar para mudar a realidade. Essa é a minha resposta.

COPACAM TSCHUCAMBANG

Bom, também vou tentar responder... A questão da esperança que o Professor fala, qual a esperança que a universidade traz para vocês. Eu vou falar como um líder do meu povo. Nós temos agora conhecimento sobre nossos direitos tanto na educação, na saúde, sobre as terras, diversos direitos... Então isso, a universidade, deu essa oportunidade pra nós, de nós conhecermos nossos direitos. Também, como mudar o que seja "educar", como o professor falou, os não-indígenas? Vejo assim que o fato não é educar, é simplesmente respeitar a diferença da cultura, pois a cultura tem significado para cada povo. Isso deve acontecer. Respeitando as diferenças nesse sentido, respeitando a cultura um do outro. Também, creio eu que, da mesma forma que o companheiro falou, eu acho que nós temos que ser consultados para ver o que é bom para nós, o que serve para nós; não é simplesmente trazer um pacote fechado e entregar nas nossas mãos:

“isso aqui serve para vocês e pronto”. Então é isso que tem que acontecer da parte do governo, fazer uma política voltada para a situação, o que seja, a causa indígena, que possa contemplar as necessidades de cada povo.

MAX LENOY (Video, 6 min)

VII

QUESTOES DO PUBLICO

(Vídeo, 17 min: <https://vimeo.com/140778212>)

RAFAEL DEVOS

Bom, acho que a gente aprendeu muito coisa aqui hoje, não sei se é um espaço para a gente seguir debatendo ou se para gente ir pensar um pouco sobre isso. Então a gente tem um tempo que já está esgotado, mas ainda perguntaria se alguém gostaria de colocar alguma coisa antes da gente encerrar. Alguma questão?

PLATÉIA

Pessoa 1 (vídeo, 1 min)

Em relação à pergunta que o Professor Antonio Carlos fez pro pessoal aqui em cima. Eu assim, professor, eu entendo que para a gente mudar essa diferença, esse preconceito que tem em relação à comunidade indígena em geral, acredito que estarmos na universidade já está fazendo isso, ocupando esse espaço que a universidade está cedendo para a comunidade indígena aqui as três etnias, já faz essa diferença. Acredito que o pessoal que ainda não conhecia indígenas ainda, com a ocupação desse espaço pelas comunidades indígenas nas universidades já está fazendo diferença. E estarmos nesse espaço, buscando esse espaço para nós, já é uma diferença. E nesse momento, assim, se formando, o pessoal se formando, vão ocupando espaço em espaço, cargos que dali vão fazendo diferença, né. Eu acho que é nesse caminho, a educação, nós fazendo a diferença mesmo. Acho que é isso. É isso aqui que vai fazer a diferença porque, em relação ao governo, esperar pelo governo, acredito que o governo nada vai fazer de diferente, não. Isso depende muito mais de nós do que do próprio estado mesmo. Acho que é isso.

Pessoa 2 (vídeo, 1 min)

Boa noite, obrigada pela fala de vocês, quero agradecer e parabenizar. Eu tenho um monte de perguntas, mas vou fazer só duas rapidinhas, talvez vocês vão poder me responder depois, pois a resposta vai levar tempo também. Então a primeiro é geral, é para vocês todos, inclusive os ouvintes, parentes de vocês, está aberto para responder...

Eu quero saber como é que vocês veem a questão da transmissão dos conhecimentos de vocês e da cultura de vocês na área da escola, como a transmissão, também, tradicional de vocês. O Max falou, por exemplo, que na comunidade dele são as mães que transmitem a cultura... acredito que não é somente escutar, mas é sobretudo ver e fazê-la, porque a gente, vocês aprendem porque é uma cultura de oralidade mas é também uma cultura de visão, de fazer, a gente aprende vendo e fazendo, né. Como é que essas práticas podem ser integradas, na verdade... na escola diferenciada de vocês.

E a segunda pergunta é para o Copacam – não sei se pronunciei certo. Quando você falou da questão de embaixada indígena, de ministério indígena... existe a Funai. Eu queria saber qual seria a diferença com essa Funai, o que você reclama da Funai, o que ela não faz o suficiente, o que ela faz demais e que não deveria fazer. Quais seriam essas diferenças entra essa embaixada que você está pensando?

Obrigada.

COPACAM TSCHUCAMBANG

(vídeo, 2 min)

Em relação à Funai, a Funai é o segmento do SPI, criado em 1910. Então a Funai substituiu o SPI em 1967. Qual é a política do governo? Integrar os índios na sociedade não-indígena, serve para nós? Não. Então é isso que vem ocorrendo. A Funai é do governo, então não tem confiança na Funai. Então de que forma a gente vai confiar na Funai? Não tem porque confiar. Está certo que às vezes tem um funcionário ou outro que talvez tem interesse em defender as causas indígenas mas acaba finalizando a intenção dele no superior dele. É isso que vem acontecendo, não tem como contar com a Funai na verdade.

Transmissão da cultura, nas escolas, isso para nós, vem acontecendo nas nossas escolas La Klaño, Terra Indígena La Klaño, Xokleng, que está sendo passado para os alunos sobre a importância da cultura. Então a escola, eu não sou professor ainda, não sou professor, sou acadêmico e líder da Terra Indígena La Klaño, da aldeia Figueira. Acompanho também a educação no sentido de que estou dizendo, tenho levado em consideração a cultura nossa, as tradições, as histórias do nosso povo. Está sendo repassada agora para os jovens, coisa que estava se perdendo. Então estamos tentando recuperar o que ele falou para nós.

GETULIO NARCISO (vídeo, 2 min)

Então, é só uma ênfase. Uma coisa que o pessoal às vezes tem que aprender é que quando fala em povos indígenas, realmente são povos indígenas com costumes totalmente distintos. Quando o parente coloca “ensinar a cultura”, é um jeito do povo Xokleng ensinar. Para o povo Kaingang é diferente. A gente tem duas metades tribais, quando você pergunta de ensinar os conhecimentos tradicionais tem que levar em conta que no mesmo povo há dois povos, ou seja, *Kamé* não pode passar conhecimento de *Kamé* para *Kairu*, como *Kairu* não pode passar conhecimento de *Kairu* para *Kamé*. E a escola não pode fazer isso. Então, o conhecimento tradicional ele fica muitas das vezes para a família ensinar e não a escola. A escola não tem esse poder de passar muitos desses conhecimentos que muitas vezes o povo pensa: “não, ensinar isso ensinar aquilo”. Não. Só mais teoria dentro da escola.

E em relação à Funai, tem que servir as funções da Funai hoje também, a Funai é um órgão federal, é o órgão de lista oficial, mas ele está ligado ao Ministério da Justiça e quais são as funções do Ministério da Justiça, isso eu pergunto para ti? Ministério da Justiça, então tem muita coisa que a Funai hoje, pelo fato dela ser do Ministério da Justiça, ela não pode fazer para nós enquanto indígenas. Questão de saúde, questão de educação, uma série de outras coisas que a Funai não tem mais essa função. Então, eu sou também favorável quando se fala em criar o Ministério Indígena. Ai a gente poderia discutir todas essas coisas.

Não sei se respondi

EUNICE ANTUNES (vídeo, 3 min)

Bom, eu vou ser rápida na minha resposta. Para nós, Guarani, como se faz a transmissão do conhecimento tradicional. Nós aqui, a gente faz a escola não é só a estrutura onde a gente pode estar ensinando o aluno lá no quadro com o caderno. A escola, para nós, é todo o espaço da comunidade inclusive a Casa de Reza que hoje, no currículo nosso lá na escola, a nossa base, as cerimônias que são realizadas na aldeia, as crianças vão para aprender junto com os anciães. Essa transmissão de conhecimento que nós, professores, não temos esse dom de passar para as crianças a não ser o líder espiritual, o ancião que está lá que tem essa função. Então a gente leva as crianças para a Casa de Reza, lá é feito todo o ritual, é participar então, é assim que se faz essa transmissão de conhecimento tradicional. E o papel da mãe é muito fundamental nisso porque a mãe é quem está o tempo todo junto da criança, então ela está falando, ela está seguindo as regras, a mitologia, conhecida assim como mitologia que, para nós, é educação, é o que faz a educação indígena na parte Guarani. Então a mãe que tem essa responsabilidade de fazer, repassar esse conhecimento. Então para nós, no nosso caso Guarani, a gente tem esse currículo diferente dentro da aldeia e não são em todas também, em algumas que já estão tendo essa reação. A nossa dificuldade maior é quando a gente chega na gerência, na secretaria de educação, essa questão de quando a gente vai ter que fazer a avaliação do aluno. Então a gente vai ter que reverter toda essa questão da tradição em nota, a gente vai ter que avaliar o aluno dessa maneira, né.

RAFAEL DEVOS (vídeo, 1, 30 min, palavras de encerramento)

Então, eu gostaria de colocar também, eu gostaria de agradecer enormemente a Eunice, o Copacam, o Getúlio, Max, Antonio Carlos, pelas reflexões que a gente trouxe aqui e gostaria de dizer também que esse seminário, não estou fazendo propaganda contra o *TransOceanik*, nosso seminário da licenciatura continua amanhã então algumas das questões que a gente falou aqui certamente vão voltar amanhã lá. Então se vocês quiserem encontrar com as pessoas da mesa eles estarão lá, não sei se o Max ainda estará aqui. E estou convencido de que a gente realmente precisa reinventar como a gente ensina na escola, na universidade, como a gente faz pesquisa... acho que... longo caminho pela frente. Esse é o momento da gente pensar juntos outras formas de atuar como professores, como acadêmicos, como antropólogos, como pessoas, com a espiritualidade... Queria agradecer a todo mundo que está aqui também. Amanhã a gente continua com o *TransOceanik* e também com o seminário da licenciatura.

Obrigado.
